

reportagem cultural

Um piano no centro do poder

Marcello Campos, especial para o JC*

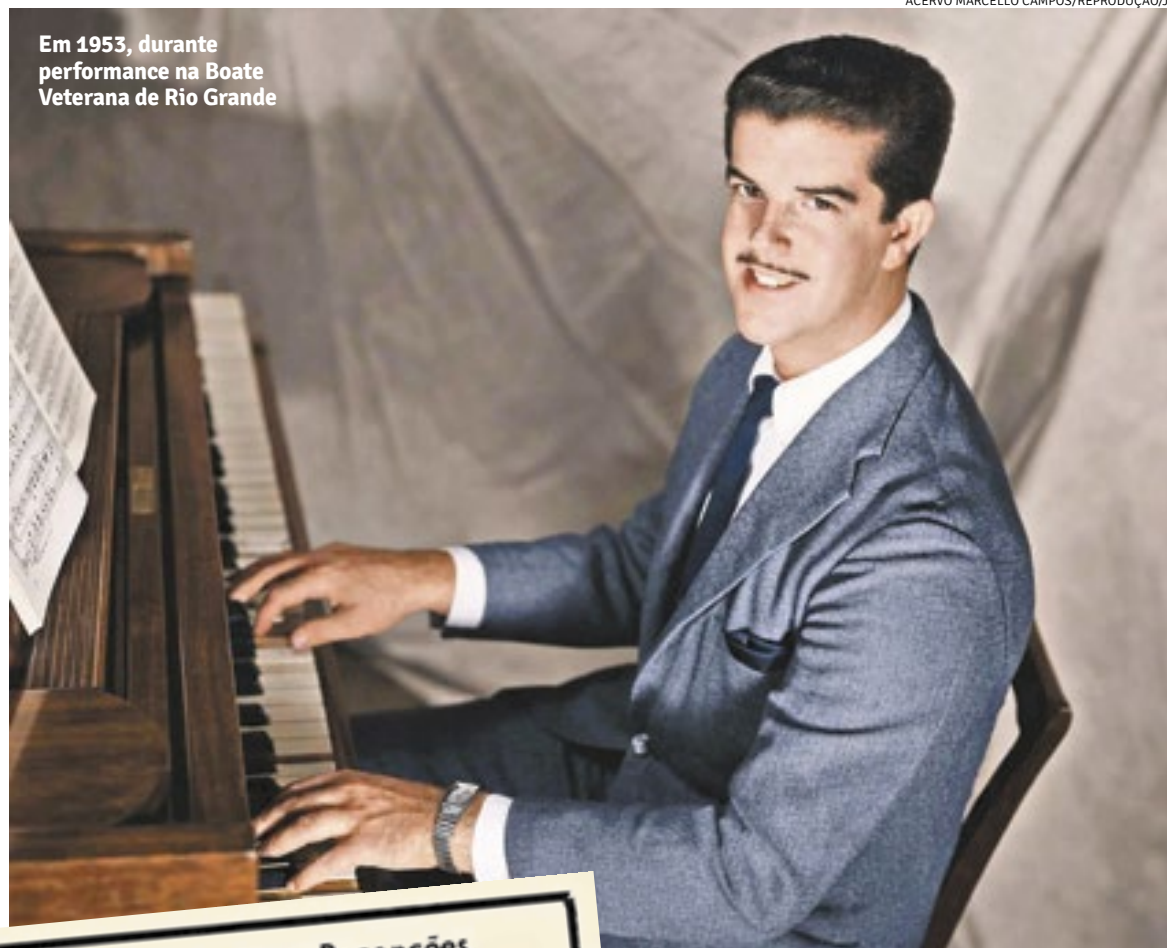
O emprego no banco acabou por levar Peixoto Primo a uma transferência para o Rio de Janeiro, em 1965, sem que limitações de calendário impedissem a continuidade da múltipla jornada que já desempenhava em Porto Alegre. Pelo contrário: a carreira artística avançaria em ritmo acelerado, sobretudo a partir de dois convites. O primeiro para tocar na boate Arpege, do pianista mineiro Waldir Calmon. Já o segundo para atuar como produtor na gravadora Musidisc, pela qual ele lançara no ano anterior o primeiro disco de seu novo projeto, o Primo Trio, com contrabaixo e bateria a cargo de instrumentistas locais.

Não bastasse o variado elenco da casa, Primo se autoproduziu em dois LPs e dois compactos plenamente sintonizados ao melhor do chamado *samba-jazz* que se tornava uma das marcas da moderna música brasileira do período. Suas releituras instrumentais para composições predominantemente nacionais seriam relançadas em vinil e CD nos anos 2000 pelo selo especializado Whatmusic, da Inglaterra, quando já estavam no radar de colecionadores espalhados pelo planeta. Um terceiro disco foi lançado como hepteto, antes que o gaúcho em

barcasse em aventuras internacionais, deixando para trás a estabilidade financeira, esposa e quatro filhos.

Os anos seguintes seriam marcados por excursões internacionais e experiências no papel de líder de banda ou no acompanhamento de cantores brasileiros como Agostinho dos Santos e Pery Ribeiro, respectivamente em turnês por Europa e México. Neste último, acabou trabalhando em casas noturnas de 1967 a 1968, eventualmente em parceria com o também gaúcho e pianista Breno Sauer. Idas e vindas ao Exterior levaram à formação de quinteto, em Porto Alegre, para um giro em navio de cruzeiro desde Santos até os Estados Unidos, costeando a América do Sul pelo Oceano Pacífico, em abril de 1969.

Membro do escreto como vibrafonista, Heitor Barbosa - outro riograndino de renome - relembra a empreitada: “Nunca havíamos trabalhado juntos mas já conhecíamos o repertório, que tocamos para cerca de 800 turistas durante quase um mês, com escalas na Argentina, Uruguai, Chile, Galápagos, Pana-



Em 1953, durante performance na Boate Veterana de Rio Grande



má, ilhas do Caribe e Miami, passando pela Bahia no retorno. O Primo era dinâmico e ótimo líder, tanto que antes e depois do embarque ele conseguiu levar a gente ao Rio de Janeiro para gravar dois elepês [os cultuados *Um Homem e Uma Mulher* e *Vai*

Laaaá Que Tem, lançados naquele mesmo ano pelo selo Equipel”.

A lista de quase 50

países visitados por Primo ao longo da carreira, aliás, faria dele um dos mais rodados músicos gaúchos de seu tempo, rivalizando nesse critério com o icônico

Conjunto Farroupilha (1948-1971), por exemplo. Depoimentos nas décadas seguintes citariam passagens marcantes como tocar com a orquestra de um baile no Principado de Mônaco, em 1967, diante da princesa e ex-atriz Grace Kelly. Ou atuar ao vivo dentro de um Boeing da Varig, no ano seguinte, durante a viagem inaugural da linha São Paulo-Tóquio, antes de permanecer durante um mês no Japão para divulgar a música brasileira, a serviço do Ministério das Relações Exteriores.

“Festa acabada, músicos a pé”

Primo ingressou no século XXI contornando problemas de saúde que logo se tornariam visíveis na progressiva perda de peso por um idoso de obesidade mantida por décadas. Profissional de pontualidade britânica, dedicava-se nas horas vagas a seu antigo projeto de livro biográfico, intitulado *Festa Acabada, Músicos a Pé*, cuja conclusão não chegaria a testemunhar. Também retornou à terra natal para os festejos do centenário do Sport Club Rio Grande, seguidos de apresentações em casas noturnas de Porto Alegre - Chipp's, Girasole, Se Acaso Você Chegasse, com ampla cobertura pela imprensa.

Avesso à ideia de apo-

sentadoria, ele acabara de se apresentar na véspera do Natal de 2001 para os hóspedes do resort Rio Quente (maior estância hidromineral do mundo), em Caldas Novas (GO), quando o coração entrou em descompasso, a 300 quilômetros de casa. O quadro exigiu internação em Brasília até a alta, na manhã de 31 de dezembro, mas um novo mal-estar, à noite, o levou de volta ao Hospital Santa Luzia, onde não resistiu a uma parada cardíaca. Aos 68 anos, Primo sucumbira a uma cirrose hepática causada por hemocromatose, doença em que o intestino absorve mais ferro que o necessário, levando ao acúmulo do mineral em órgãos vitais como fígado e pâncreas.



Peixoto Primo e seus colegas em 1960, em gravação do programa Rádio-Baile Brahma, nas ondas da Guaíba